

RUBEM BRAGA

O «SCANIA»

O reporter da FOLHA conversou hontem com um homem do mar: Carl Janson, commandante do "Scania". Veiu elle com seu cargueiro da America do Norte, e falou sobre os perigos que agora enchem os mares. De vez em quando — quasi diariamente — um navio neutro é preso ou torpedeado. Carl Janson faz uma suggestão: "Seria muito mais acertado que os politicos e provocadores da guerra fossem "torpedeados" e lançados ao mar. Todos juntos valeriam menos que o casco do "Scania".

No começo de um seu romance admiravel — "O barco dos mortos" — Bruno Traven diz que o romantismo da vida do mar não existe — si é que existiu algum dia. Seu heróe trabalha em um navio. Não se julga, entretanto, um marinheiro. Um navio, hoje, é uma machina e para que diabo uma machina precisa de marinheiro? A machina precisa de machinistas, de operarios.

Na verdade o romantismo do mar é geralmente fabricado por cavalheiros que jamais deixam a terra firme — e ficam imaginando bellas e terriveis aventuras oceanicas. Um marinheiro não acha o seu navio nada romantico — pelo mesmo motivo que eu não considero romantica a redacção da FOLHA DA TARDE ou um operario do sr. Renner não acha romantica a fabrica de tecidos do sr. Renner ou um vendedor de côco verde de Recife não acha romantica as cestas de cô-

co. Um vendedor de côco não acha romantica a vida de circo. O local de trabalho sempre é bem pouco romantico para quem trabalha. Uma pessoe que chega da Europa ou mesmo do Rio Grande do Sul pôde achar extremamente romantica uma jangada cearense. O pescador cearense não é, na certa, da mesma opinião.

Mas apesar de tudo ha em certas coisas uma dôse de incerteza, de acaso, que fabrica um lyrismo inegavel. Esse feio cargueiro do sr. Carl Janson é apenas uma machina que trans-

porta mercadorias de um lugar para outro. Mas essa machina é uma especie lyrica de machina. E' uma machina cujo funcionamento tem de ser controlado de accordo com certos factores incontrolaveis: as ondas, o vento... Essa presença da natureza, essa permanente intromissão de forças não-humanas na vida da machina-cargueiro é um grande factor de seu lyrismo. Está uma cidade rumorejante, banal, quotidiana, com gente para cá e para lá, vehiculos, casas commerciaes, residencias. Todas as pessoas que estão andando na rua estão pensando em determinadas coisas. De repente bate uma chuva forte subita e repentina. Homens e mulheres rem. Em baixo de um toldo forma-se um grupo de respiração apressada. E então, de repente, surge naquelle grupo de transeuntes desconhecidos uma excitação commum, uma vontade de rir, uma cordialidade viva. E' que ali já não existe transeuntes. Tampouco existe a cidade. Existe apenas animaes humanos que fogem da chuva, que se escondem sob alguma coisa porque a chuva cahiu de repente. E isso é um facto tão primitivo, tão natural, tão simples, tão instinctivo que iguala todos. A natureza fez a sua fecunda intervenção. O ar mudou: é esse ar vivo, com cheiro de terra quente, esse ar de começo de chuva que invade todos os pulmões e dá a todos um estado de inocencia indefinivel, a inocencia natural. Na vida do barco o vento, o céu, a onda — a agua e o ar — são forças puras que intervêm para purificar a monotonia da machina.

Ama Carl Janson o casco sujo de seu "Scania" e tem por elle mais amor que por todos os politicos e provocadores de guerra. Dia virá talvez em que nos mares do mundo só haverá navios de bem, levando bens de homens para homens, levando bens da vida que circula pelo mundo, da vida que foi feita, como o sol, e a lua, e as estrelas, para todos os povos e para todos os homens.